Aluno-sujeito protagonista: o trabalho transdisciplinar de projetos em uma escola inclusiva e o enfrentamento dos impasses escolares

Marianna da Gama e Silva

O modelo pedagógico utilizado por uma escola para dar conta do processo de ensino e aprendizado, assim como os métodos avaliativos empregados para o mesmo fim, revelam em grande parte as expectativas e olhares depositados sobre a criança. Vemos, com certa frequência, métodos educativos cujas atividades são elaboradas previamente ao encontro da criança com o conhecimento e muitas vezes antevêem um resultado almejado. Idealizam o ensino e a aprendizagem antes de conhecer os alunos e de saber como aprendem. Ainda que certo número de crianças percorra este processo sem maiores percalços, se adequando ao aluno idealizado no currículo, acreditamos que para muitas outras crianças tal modelo implica em maiores impasses escolares.

Lembremos que educar está entre as profissões impossíveis justamente por envolver uma atividade relacional, repleta de incertezas acerca de sua efetividade e imprevisibilidade de seus resultados. Quando pensamos nas crianças com entraves estruturais na constituição psíquica, esses limites ficam ainda mais evidentes e invariavelmente expõem o fracasso de métodos pedagógicos enrijecidos que se colam ao tecnicismo de uma prática que exclui o aluno-sujeito e não permite que ele compareça com sua subjetividade, voz, saberes e escolha.

Ora, Freud, em seus escritos sobre a Educação, já falava da quase impossibilidade de que um mesmo método educativo fosse efetivo e bom de forma uniforme para todas as crianças, sujeitos em constituição e com singularidades muito próprias. O autor já havia nos alertado que é tarefa da escola oferecer apoio e amparo aos alunos nessa época da vida que demanda o afrouxamento do vínculo com a família: "A escola nunca deve esquecer que tem que lidar com indivíduos imaturos, aos quais não pode ser negado o direito de se demorarem em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis." (Freud, 1910/1996, p.218).

Quem ri por último ri melhor

Destacaremos exemplos de uma escola em cuja abordagem central está o protagonismo do aluno, como uma alternativa possível na inclusão dos alunos em sua heterogeneidade.

Natan[1], venezuelano, é um menino tímido e inseguro, cujas produções eram quase sempre cópias do colega. Repetia frases e gestos dos amigos, sempre se "colando" no discurso do outro e pouco aparecendo em sua singularidade. Natan sofre de uma grave inibição intelectual com sérios comprometimentos cognitivos e psico-sociais. Possui dificuldade para se comunicar, e notávamos que apesar de estar inserido no grupo, Natan não estava integrado na turma. Suas falas e ações eram eco dos demais e dificilmente ouvíamos uma fala própria e espontânea.

A unidade a ser estudada naquele ano convidava as crianças a explorarem e reconhecerem em si habilidades e interesses. Como provocação, foi pedido aos alunos que planejassem uma apresentação. Acostumado a sempre olhar para os demais, Natan não conseguia pensar o que fazer para localizar seus interesses. O que a princípio colocou-se como um enorme desafio, trouxe por fim uma enorme oportunidade a ser explorada. A partir do trabalho com a profissional do departamento de apoio, Natan pôde reconhecer em si algo que o tornava único entre os demais: ele falava três idiomas (inglês, espanhol e português). Foi a partir desse reconhecimento de uma habilidade relacionada a sua origem venezuelana e história de migração familiar, que Natan viu-se na posição de detentor de um saber que os demais desconheciam; afinal, naquele grupo apenas ele falava espanhol. Iniciou-se então um projeto no qual Natan começou a planejar aulas para os colegas, nas quais ensinava vocabulário básico e conversação em espanhol. Além disso Natan, cada vez mais envolvido, escolheu montar *quizzes* que distribuia aos demais que passaram a se interessar muito pela proposta, situação na qual era ele quem corrigia o erro dos colegas, inclusive rindo de algumas associações entre palavras e frases descabidas que lhes pareciam banais.

Naquele projeto, articulado entre o departamento de apoio escolar em parceria com a professora de sala, Natan teve a oportunidade não só de desenvolver habilidades comunicativas, de escrita e planejamento, como principalmente atributos, atitudes e concepções a respeito de si próprio como aluno-sujeito. Natan ampliou a circulação social na escola, com ganhos muito além do acadêmico.

De médico e louco todo mundo tem um pouco

[1] Nome fictício.

Alice, 7 anos, detentora de saberes e interesses bastante específicos, com uma memória impressionante, não demonstrava interesse algum pelo outro. Era comum vê-la perambulando atrás da capa de um livro, cruzando a quadra de esportes durante uma partida de futebol, passando no meio de uma roda de conversa sem sequer dar-se conta do que se passava a sua volta, completamente alheia aos demais.

Os alunos iriam começar a trabalhar sobre a unidade chamada *Cidades Espetaculares*. Alice, com sua capacidade admirável de memorização, passou a demonstrar um interesse cada vez maior pelo nome dos países do mundo incluindo suas capitais. Deste envolvimento e mergulho no tema, Alice passou a querer navegar no Google Earth por horas a fio seguindo com seu fascínio; o que não era, no entanto, compartilhado pelos demais. Tal obsessão e espantosa habilidade de memorização, ainda que dentro do tema da unidade, não permitiam que a aluna se ativesse ao trabalho em grupo, a qualquer produção escrita ou participação grupal. No entanto, sempre que o nome de algum país surgia, Alice prontamente dizia sua capital.

No mesmo passo em que crescia seu interesse e conhecimento, aumentava o abismo que a separava dos demais, de qualquer oportunidade de laço e interação social. Foi então, que a professora, movida por um saber sobre a sua aluna, começou a fazer uma brincadeira com toda a sala, não só incluindo, mas principalmente valorizando e dando lugar para que esta obsessão de Alice pudesse vir a ser compartilhada, reconhecida e colocada em circulação no grupo. Toda semana havia um *quizz* sobre países e capitais com prêmios e pontos. As crianças dividiam-se em grupos, e ao longo das semanas, Alice, que logicamente nunca errava uma capital, passou a ser admirada pelos colegas fascinados com sua habilidade. Convidaram o diretor, que era também professor de geografia, para participar de uma competição durante a assembleia da escola e Alice venceu ao som de aplausos de admiração. Como decorrência dessa experiência, outros alunos passaram a se interessar e o amplo conhecimento e fixação de Alice pelo tema, que inicialmente estavam localizados a margem do grupo, em uma esfera pessoal e desarticulada, passou a partir deste momento a ser admirado e Alice valorizada ainda que em sua excentricidade.

Percebe-se aqui, o que Voltolini (2011) aponta sobre o ato de educar se desenrolar sobre uma base de "prática decisória", pois a ação da professora não estava pautada em nenhuma cartilha ou receita estratégica, mas sim na sua leitura da situação e nos saberes (conscientes e inconscientes) da experiência. Foi a singularidade do laço

entre professora e aluna que fez surgir esta estratégia inclusiva e terapêutica para todos os envolvidos, pois a cena se desdobra.

Alice, teve então a ideia de oferecer uma atividade durante o recesso de almoço: "*Países e suas particularidades*". Auxiliada por uma profissional da equipe de apoio, elaborou uma proposta, apresentada ao coordenador pedagógico, foi aprovada e teve um altíssimo número de inscritos. A família, receosa com a possibilidade de Alice se frustrar, admirou-se em saber que Alice tinha sim um lugar de destaque na escola. Semanalmente, ela preparava uma aula sobre um país diferente, falando sobre cultura, tradições, informações interessantes e trazia um jogo, atividade e comida típica do país para ser compartilhada. A elaboração e montagem destas aulas foram realizadas em encontros com uma profissional da equipe de apoio, que foi podendo fazer apontamentos e recortes, em como dirigir a fala aos demais e a responder em situações inusitadas e imprevistas. Além disso, a família envolveu-se ativamente e seu pai, a ajudava a buscar a receita que prepararíam juntos no dia anterior à aula. Houve uma intervenção oblíqua extremamente valiosa, a partir da qual a família mostrou-se participativa e com aposta em Alice, que também deslocou-se da posição anterior.

Ao longo das aulas, Alice foi aos poucos aprendendo a se endereçar aos demais, olhando-os nos olhos, escutando o colega que lhe fazia perguntas e respondendo de acordo com a questão, além de aprender a lidar com frustração já que às vezes o encontro não saia como o esperado.

Neste caso, uma intervenção realizada no âmbito escolar possibilitou a Alice deslocar-se da posição anterior de um exclusivo ensimesmamento, para encontrar um lugar de enunciação no campo do Outro, o que teve por fim um efeito subjetivante importante. Antes fixada num gozo alienado, através de intervenções da profissional da equipe de apoio, Alice pode se abrir para o laço com o outro. Por isso, para crianças com impasses estruturais em sua constituição psíquica, tratar e educar caminham juntos e o exemplo de Alice ilustra bem a importância da escola que ao enxergar janelas de oportunidade, pode realizar uma "doce forçagem" apostando nas possibilidades da criança ao incluir elementos de sua subjetividade, para além do campo das capacidades cognitivas.

Sendo assim, vemos que o aprendizado torna-se significativo quando a criança dele se apropria a partir de um referencial próprio, elaborando construções singulares que por sua vez produz efeitos psíquicos estruturantes, constitutivos e organizadores.

Por fim, reconhecemos que os princípios orientadores de práticas inclusivas, elaborados pelo Projeto Escolas Protagonistas do Lugar de Vida *(2017)* estão em perfeita consonância com tal proposta educativa acreditando que toda criança pode e quer aprender e que a inclusão de uma criança garante a inclusão de todas. Fundamentalmente destacamos que o aprendizado significativo ocorre quando o aluno é sujeito ativo e agente neste processo, ou seja, quando ele tem autonomia, voz e escolha; ainda que no caso de crianças em situação de inclusão e/ou outras que enfrentam maiores impasses escolares, um porta-voz venha a falar em nome de seu desejo.

Referências

Freud, S. (1910/1996). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XI, pp. 243-45). Rio de Janeiro: Imago.

Kupfer, M. C. M., Patto, M. H. S. & Voltolini, R. (Orgs.). (2017). *Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito.* São Paulo: Escuta/FAPESP.

Voltolini, R. (2011). *Educação e Psicanálise.* São Paulo: Zahar.